

## REINVENTANDO O CINECLUBE<sup>1</sup> EXPERIÊNCIAS DE UM CINECLUBE VIRTUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

REINVENTING THE CINECLUBE  
EXPERIENCES OF A VIRTUAL CINECLUBE IN PANDEMIC TIMES

MOGADOURO, Claudia de Almeida de  
SANTELLA SOUSA, Sandra de  
SILVA, Robson Novaes  
DIAS, Renato de Sá  
SOUZA, Fábio Rodrigues

### Grupo Temático 1. Subgrupo 1.2

#### Resumo:

Neste artigo objetiva-se fazer um estudo sobre o encontro de educadores cineclubistas que ocorreu a distância. Primeiramente, realizar-se-á uma breve contextualização sobre a constituição do cineclube de educadores da região Noroeste da cidade de São Paulo, que teve como premissa a experiência com o cineclube de educadores como forma de aproximar o cinema com a escola, contribuir para a ampliação do repertório docente de filmes brasileiros e questionar o “olhar” instrutivo adotado pelos educadores ao trabalhar com filmes na sala de aula. A investigação sobre possíveis abordagens do cinema e o debate a distância se deu pela impossibilidade de encontro presencial diante da situação de emergência devido a pandemia pelo COVID-19. A Metodologia foi organizada por meio da Pesquisa Crítico-Colaborativa, em que participantes e pesquisadores agiram juntos na reflexão crítica com vistas à construção de novas possibilidades da realidade. Desta maneira, este trabalho busca realizar uma discussão acerca de quais poderão ser as alternativas encontradas para a continuidade das atividades do cineclube, bem como, apresentar estratégias que possam ampliar a experiência com o cineclube.

**Palavras-chave:** Formação contínua de professores; Cineclube; Distanciamento social; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

#### Abstract:

This article aims to make a study about the meeting of film club educators that took place at a distance. First, there will be a brief contextualization about the constitution of the educators' cinema club in the Northwest region of the city of São Paulo, which had as premise the experience with the educators' cinema club as a way of bringing cinema and school closer, contributing to the expansion of the teaching repertoire of Brazilian films and questioning the instructive “look” adopted by educators when working with films in the classroom. The investigation of possible approaches to cinema and the debate at a distance was due to the impossibility of face-to-face meetings in the face of the emergency situation due to the pandemic by COVID-19. The Methodology was organized through Critical-Collaborative Research, in which participants and researchers acted

<sup>1</sup> Esta pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

*together in critical reflection with a view to building new possibilities of reality. In this way, this work seeks to carry out a discussion about what alternatives may be found for the continuity of the activities of the cinema club, as well as to present strategies that can expand the experience with the cinema club.*

**Keywords:** Continuing teacher education; Cineclub; Social distancing; Digital Technologies of Information and Communication.

## 1. Introdução.

Uma das características da sociedade atual é a presença da tecnologia em vários setores: na emissão de um carnê, na declaração do imposto de renda, as contas dos serviços de telefonia, TV a cabo, água e luz, tudo é emitido por computadores; as notícias do jornal podem ser acompanhadas pela internet; as emissoras de rádio também podem ser ouvidas pela transmissão na rede de computadores; hoje, o telefone celular funciona como computador.

Na educação, a presença da tecnologia faz os educadores questionarem: como podem dividir a atenção com a tecnologia que os estudantes utilizam com tanta habilidade? É fato que nos comunicamos e trabalhamos com o apoio indispensável da tecnologia. No entanto, estamos longe de ter nossas relações na educação e no trabalho totalmente mediadas pela tecnologia.

Essa reflexão foi possível a partir do distanciamento social que enfrentamos devido a pandemia causada pela doença covid-19. O estado de emergência decretado pelo Governo do Estado de São Paulo e pelo município nos trouxe uma nova rotina. Os estudantes foram dispensados de suas aulas e os educadores tiveram que adaptar-se à aula virtual. Somente os serviços essenciais puderam manter as portas abertas; os eventos culturais foram cancelados; os parques da cidade foram fechados e os encontros entre mais de dez pessoas foram proibidos para evitar aglomerações.

As orientações das autoridades de saúde temerosas de que houvesse uma sobrecarga do atendimento emergencial de saúde, como foi visto em países europeus e nos EUA, solicitam às pessoas que “ficassem em casa”. O isolamento social foi considerado nossa maior arma contra o vírus que espalha a doença. A partir de então, nos vimos diante da aprendizagem de uma nova forma comunicação interpessoal.

Nessa direção, as telecomunicações passaram a ser uma opção para criar novos contextos de interação, diante do novo cenário enfrentado por todos que seguiram as orientações das autoridades de saúde. Assim também, o cineclube de educadores da região noroeste da cidade de São Paulo teve que se adaptar aos novos tempos.

## 2. O cineclube da estação

Entre os meses de maio e junho de 2019, foi realizada, em uma escola da Prefeitura Municipal de São Paulo, uma formação de professores que apresentava um panorama do cinema brasileiro voltado para educadores, além de problematizar a utilização do cinema na escola. A formação foi promovida pelo núcleo de Educomunicação da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. As discussões surgidas no curso resultaram na criação, em julho, de um cineclube de educadores da região do Jaraguá. Os encontros passaram a acontecer

sempre na noite da última segunda de cada mês, na mesma unidade escolar onde foi realizado o curso, que fica localizada ao lado da Estação de trem da CTPM, muito acessível aos educadores da região e, por isso, ganhou o nome de Cineclube da Estação. A proposta do cineclube era ampliar o repertório audiovisual dos docentes, trazer à tona temas contemporâneos urgentes para o aperfeiçoamento da atividade docente, além de mostrar novas possibilidades da relação Cinema e Educação.

Ao tratar da formação de professores podemos afirmar que esse momento formativo consolidou processos transformativos considerando que, dentre tantos fatores que promovem o desenvolvimento profissional docente, a formação contínua está imbricada nele. Assim, Fullan e Hargreaves (2001, p. 41) defendem que a formação de professores “é feita aos professores e não com eles, muito menos por eles”.

Segundo os autores, a chave para a renovação está na cultura da cooperação, no comprometimento e responsabilidade partilhados, fortalecendo espaço de maior satisfação e produtividades, na qual as pessoas não se veem consumidas pelo grupo, mas enriquecidas pelas vivências. A criação do cineclube de educadores ocorreu na ação conjunta dos agentes envolvidos na construção de um espaço que propiciou a reflexão de novos contextos mediados pela linguagem cinematográfica como forma de romper com a tradição escolar do uso do filme em sala de aula como mera ilustração didática de conteúdos escolares. As discussões do grupo anseiam pela expansão de análises críticas dos filmes e a valorização da linguagem cinematográfica como instrumento cultural.

Assim, o cineclube virtual nos possibilitou vivenciar a experiência da Pesquisa Crítica de Colaboração (LIBERALI; MAGALHÃES, 2004; 2017), que será oportunamente abordado na concepção metodológica desse trabalho. Como se pode perceber que as decisões de organização são decididas na colaboração crítica.

Foi decidido pelo grupo do cineclube que o recorte seria para filmes brasileiros. Essa decisão foi tomada diante da discussão realizada nos encontros formativos, quando os educadores apontaram o quanto a produção cinematográfica brasileira ainda é desconhecida de todos e, assim, no dia 29 de julho organizou-se a exibição do filme **O Menino e o Mundo**, de Alê Abreu (2014), com debate mediado pela professora Cláudia Mogadouro, após a exibição do filme. No segundo encontro, em 26 de agosto, houve a exibição do filme **Amores de Chumbo**, de Tuca Siqueira (2017) com a presença da cineasta e mediação da professora Cláudia Mogadouro. Em 30 de setembro, foi a vez da sessão da programação oficial do Entretodos (Festival de curtas metragens em Direito Humanos) com a presença do curador Jorge Grinspum e as discussões apontaram a importância da formação do professor para trabalhar com a linguagem audiovisual na sala de aula. Em 21 de outubro, foi exibido o filme **Abraço**, de Di Fiúza (2019), com a presença do diretor e de um dos atores do filme, Paulo Roque. Em 25 de novembro, foi o exibido o documentário **O Segundo Encontro**, de Veronique Ballot (2018) e também contou com a presença da cineasta.

Para o ano letivo de 2020 foi pensada e planejada a continuação dos encontros como proposta formativa dos educadores da unidade sede e dos educadores das unidades escolares do entorno que desejassem participar dos encontros. A ideia foi manter a regra da última segunda feira do mês, à noite, para que, aos poucos, a sessão do cineclube ficasse marcada como compromisso de todas as pessoas interessadas. No entanto, as orientações

do isolamento modificaram o planejamento e a atividade *online* foi adotada pelo grupo, como recurso para sua continuidade. A data do primeiro encontro virtual manteve-se a mesma que já estava planejada.

Pode-se considerar que a atividade de cineclube, que é essencialmente formativa, enquadra-se na modalidade de Ensino à Distância, pois os integrantes estão separados fisicamente fazendo uso do aplicativo *Zoom* para realização de videoconferência. Não é escopo deste capítulo realizar discussões acerca do tema Educação à Distância (EaD), no entanto, é perceptível que as barreiras entre a educação presencial e a educação à distância estão cada vez menores. O uso das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC), tanto nos cursos a distância, como nos cursos presenciais tem crescido nos últimos tempos.

A criação do encontro virtual do cineclube de educadores ampliou a participação, uma vez que oportunizou que docentes e pessoas interessadas de outras regiões da cidade pudessem participar. No entanto, é notória ainda a falta de familiaridade de muitos docentes com as ferramentas dos debates virtuais. O processo de assimilação das ferramentas tecnológicas também faz parte do cenário atípico em que todos estão inseridos repentinamente.

## 2.2 O que é um cineclube?

O Cinema foi apresentado publicamente pela primeira vez na França, pelos Irmãos Lumière, em dezembro de 1896. A França foi o país que mais produziu e exportou filmes nos primeiros 20 anos da existência do cinema (antes da primeira guerra mundial), fase que é chamada de Primeiro Cinema (COSTA, F.C, 2006). Na intelectualidade francesa (e europeia), o cinema era rejeitado, visto apenas como entretenimento para o povo inculto. As expressões artísticas legitimadas como parte da cultura eram o teatro, a literatura, a poesia, a pintura, jamais o cinema. Com o início da primeira guerra mundial, em 1914, a França perdeu a hegemonia da produção cinematográfica para os EUA.

Um grupo de intelectuais, a partir de meados dos anos 1910, liderados por Riccioto Canudo, dramaturgo italiano, radicado na França, e o escritor francês Louis Delluc, construíram lentamente um movimento que mostrava a importância do Cinema como expressão artística. Foi Canudo que criou o termo Sétima Arte para identificar o cinema como a síntese das outras artes: arquitetura, música, pintura, escultura, poesia e dança.

A expressão “cine-club” surgiu na França, em 1920, no “Journal Du Cine-Club” que depois passou a se chamar apenas “Cine-Club” (LISBOA,2006), periódico dirigido por Canudo e Delluc. Ambos são os principais responsáveis pela criação do movimento cineclubista francês.

A primeira sessão oficial de um cineclube, projeção de filme seguida de um debate, deu-se em 14 de novembro de 1921, no cinema Colisée, em Paris, onde foi apresentado o filme expressionista alemão O Gabinete do Doutor Caligari (Robert Wiene, 1919). Ainda em 1921, Canudo fundou o Club d’Amis Du Septime Arte, o CASA.

Em 1923, o crítico italiano publicava o Manifeste des Sept Arts, título de uma palestra proferida em 1911, onde apresentava o cinema, como arte total agrupando todas as outras. (LISBOA, 2007:352)

O cineclubismo surgido nos anos 1920 estava ligado a esse agrupamento intelectual e artístico, sem ligação com as camadas populares. Antes da Segunda Guerra Mundial (1939), foram abertos alguns cineclubes operários ligados à Frente Popular, mas, durante a guerra e a ocupação alemã, as reuniões e debates foram proibidos.

Finda a guerra (1945), a liderança da Resistência instaurou um clima de reconstrução e solidariedade em que as políticas culturais, especialmente na defesa de uma cultura nacional desempenharam papel de destaque. “Uma nova geração entrou na vida pública, exigindo mudanças na ordem econômica e social, com o objetivo de fundar um novo país.” (LISBOA, 2007, p. 353-354). Houve um esforço da sociedade civil para o reerguimento da França no pós-guerra, apoiado por políticas culturais. Uma dessas ações foi uma espécie de cooperativa chamada “*Travail et Culture*” (Trabalho e Cultura), que reunia espectadores das várias linguagens artísticas. A Literatura e o Cinema foram as linguagens que mais se destacaram nessa fase, sendo que o movimento cineclubista explodiu na França, desta vez com significativa penetração nas classes populares, em bairros operários e cidades do interior.

Lisboa (2007), estudiosa do movimento cineclubista em vários países, reafirma a importância do movimento cultural francês ter sido resultante de projetos sociais, com bases ideológicas, que ocorreram nos quinze anos seguintes ao término da segunda guerra mundial. Neste país, o desenvolvimento da cultura cineclubista foi entendido como um projeto civilizatório e educativo, com intuito de desenvolver um programa de “elevação cultural”:

O cineclubismo francês, na segunda fase, não era completamente alijado do mercado cinematográfico, pois, preparando o público para “avaliar uma obra de valor cultural”, incitava à paixão pelo cinema e por uma apreciação mais profunda do produto cinematográfico. (LISBOA, 2007, p. 355) (grifo da autora)

O propósito de realizarmos esse histórico sobre a atmosfera cultural da França veio da vontade de situar como se forma a cultura cinematográfica em uma nação como marca identitária. Frisamos que o cineclubismo não criou necessariamente a dicotomia “filme de arte” e “filme comercial”, pois o seu cerne era a paixão pelos filmes e a prática do debate sobre eles.

O Brasil foi influenciado pela França, assim como muitos outros países, criando também uma atmosfera cineclubista relevante, especialmente entre os anos 1960 e 1990. O cineclubismo no Brasil não teve a mesma amplitude socioeconômica do movimento francês, firmando-se em cidades grandes e médias com forte repercussão no meio estudantil. Segundo o estudo de Lisboa (2007), há uma relação direta entre os países que desenvolveram o cineclubismo e a formação de uma indústria cinematográfica. Como prova

disso, Lisboa (2007) cita os quatro países que criaram um forte movimento cineclubista na América Latina: Argentina, Brasil, México e Cuba. Não por acaso, são esses os países que se destacam com mais força no cenário da indústria cinematográfica até a atualidade. Também é possível relacionar a prática cineclubista na trajetória de muitos cineastas de todo o mundo.

O cineclubismo é uma prática caracterizada pela valorização da diversidade estética, promovendo a exibição de filmes de várias nacionalidades, estilos e épocas, possibilitando a construção gradual de uma cultura cinematográfica e ampliando a leitura do mundo. O debate após a exibição, permitindo vários pontos de vista, é condição essencial do cineclubista. Pode haver um convidado (um cineasta, um professor ou alguém escolhido pelos organizadores) para enriquecer o debate, mas também pode ser realizado apenas com os frequentadores/espectadores. O que é fundamental é a troca de ideias, o diálogo, o respeito às ideias divergentes. Independente de haver ou não um convidado e um mediador dos debates, o cineclubista tem uma organização horizontal.

O cineclubismo perdeu força nos anos 1990, com o advento do videocassete e outros meios que se seguiram, que permitiram a assistência de filmes no ambiente doméstico. No entanto, os avanços da tecnologia facilitaram a presença do cinema no ambiente escolar. Ainda há um longo caminho a ser percorrido para que se tenha a compreensão do Cinema na escola como obra de arte e não como entretenimento ou recurso didático de segunda ordem (MOGADOURO, 2011). Para se compreender essa questão, pode-se fazer um paralelo com a literatura. Se um grupo de pessoas tem a oportunidade de ótimas experiências com a Literatura em sua infância e juventude (na vida escolar e também em círculos de leitura), provavelmente algumas pessoas se destacarão como futuros escritores. As pessoas que não escolherem o ofício de escrever, certamente manterão ótima relação com a literatura em suas vidas. Da mesma forma, as pessoas que tiveram oportunidade em sua juventude de participar de cineclubes, reconhecem esta prática como importantíssima para sua formação cultural e terão sempre uma relação com o cinema que não se reduz ao entretenimento (MOGADOURO, 2011).

Essa prática também estimulou muitas pessoas a se tornarem realizadores. Estão aí algumas das razões para que o Cinema esteja presente de forma criativa no processo educativo formal, da mesma forma como a Literatura é legitimada como parte essencial no currículo escolar. Um dos caminhos transformadores para isso é a prática cineclubista, pois, além de permitir a construção de uma cultura cinematográfica, favorece a ruptura de relações autoritárias presentes no cotidiano da escola, uma vez que o cineclubista prevê debates horizontais.

A prática cineclubista, além de promover ampliação de repertório e construção paulatina de uma cultura cinematográfica, pode promover também debates sobre temas contemporâneos densos. Temas esses que permeiam o cotidiano escolar, mas dificilmente são discutidos, como é o caso de preconceitos de diversos matizes, casos de violência doméstica, comportamentos agressivos, inseguranças por parte de estudantes e professores, entre outras tensões que costumam ficar veladas.

O Cineclubista de Educadores da região do Jaraguá foi criado com o propósito de um espaço de debates entre educadores (embora ele seja aberto a quem mais quiser participar, independente de estar ligado profissionalmente à Educação), de forma a fortalecer a

categoria que sabe de sua responsabilidade social, mas nem sempre se sente em condições de cumprir seu papel. Trata-se também de uma atividade formativa, porém descentralizada, uma vez que os diálogos são abertos, horizontais e todas as decisões são tomadas coletivamente. A prática cineclubista entre educadores favorece também que ela seja reproduzida no meio escolar.

### 2.3 O encontro virtual dos cineclubistas

Com o isolamento necessário a toda a população brasileira, em virtude da pandemia causada pela COVID-19, o Cineclube de Educadores encontrou uma saída para continuar seus encontros: debates virtuais, a partir de filmes que estejam disponíveis nas plataformas digitais. O presente capítulo se encerra após duas reuniões virtuais e nosso esforço é avaliar se as características essenciais do cineclubismo foram garantidas nesta nova experiência.

Utilizou-se, como aporte metodológico, a perspectiva da Pesquisa Crítico Colaborativa (PCCol) (LIBERALI; MAGALHÃES, 2004; 2017). A PCCol propõe ações que vão além da observação e análise, pois possibilita a criação de espaços colaborativos onde todos são ouvidos e respeitados, visando a criação de contextos de transformação ativa. Além de promover o encontro dos docentes com a reflexão teórica para promover ações partilhadas nos encontros.

Para coleta, produção e análise de dados, os autores do presente capítulo participaram do encontro virtual do cineclube de educadores em 30 de março de 2020, com registro audiovisual e captura de tela dos aplicativos usados. As categorias reflexivas de Descrever; Informar; Confrontar e Reconstruir foram utilizados no campo de análise nos auxiliaram a indagar sobre os resultados da atividade Online. (SMYTH, 1992; LIBERALI, 2015).

A decisão para a realização do encontro virtual foi realizada pela rede social *WhatsApp* entre os organizadores do encontro. Vale-nos destacar que essa função é assumida por diversas pessoas do grupo a depender do envolvimento de cada um. Feito isso, foi realizada uma consulta no grupo com a seguinte provocação no dia 17 de março de 2020:

Parei na imagem da página 8

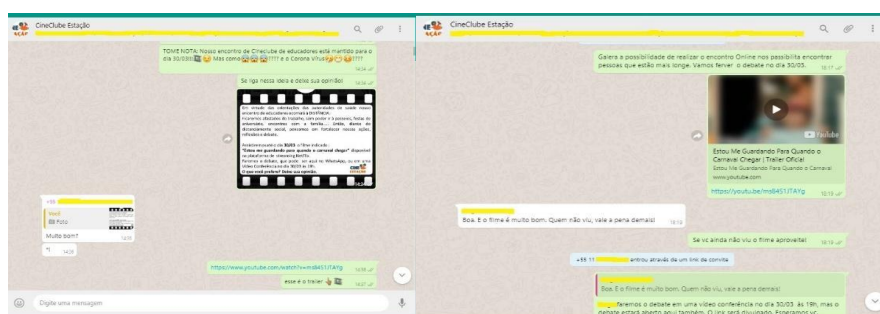


Figura 1. Captura da tela no aplicativo *WhatsApp*.

Fonte: Acervo dos pesquisadores.

### Excerto 1:

TOME NOTA: Nosso encontro de Cineclube de educadores está mantido para o dia 30/03!!! Mas como???? e o Coronavírus???? Se liga nessa ideia e deixe sua opinião!

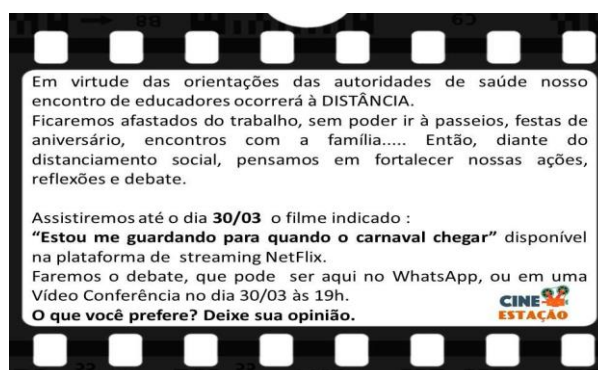


Figura 2. Convite enviado para o grupo do aplicativo *WhatsApp*.

Fonte: Acervo dos pesquisadores.

Apenas dois minutos após a publicação, as mensagens de aceite foram enviadas pelos participantes:

### Excerto 2:

Muito bom/ Eu topo/ Tô dentro pessoal, maravilhosa essa ideia/ Ebaa, tô dentro.

As mensagens e postagens no grupo que, eram raras, devido ao período de férias, voltaram a acontecer diariamente, demonstrando a recepção do grupo para a atividade que reuniria as pessoas novamente em torno do que apreciam e gostam: o cinema.

No dia 24 de março de 2020, a pesquisadora informou ao grupo que enviou o convite a outros educadores de outras regiões com a seguinte mensagem:

### Excerto 3:

Galera a possibilidade de realizar o encontro Online nos possibilita encontrar pessoas que estão mais longe. Vamos ferver o debate no dia 30/03.

O filme sugerido e aprovado por todos foi o mesmo que já havia sido programado antes do decreto do isolamento social: o documentário "Estou Me Guardando para quando o Carnaval Chegar", de Marcelo Gomes (2109). Foi enviado o *link* do *trailer* do filme com a intenção de fazer a divulgação do filme e reforçar a data do encontro. Até a data do encontro 22 novas pessoas usaram o *link* para entrar no grupo.

Na mesma data uma professora integrante do grupo indagou uma questão importante para tomada de decisão: "Por onde? Seria legalizar plataforma pra todo mundo



participar. Alguma sugestão? Eu sugiro o zoom”, (referindo-se ao aplicativo *ZOOM.US* que realiza videoconferência). A resposta veio na sequência pela pesquisadora “Boa, vamos usar o Zoom”. No entanto, surge uma outra questão colocada por outro participante:

**Excerto 4:**

**Participante F:** Olá Sandra, eu soube que o Zoom suporta apenas quarenta minutos de vídeo conferência. Será esse o tempo limite para o debate?

**Participante M:** Depois disso é só sair entrar de novo! Fiz uma reunião com o pessoal da minha escola nessa semana e a gente teve que entrar umas 4 vezes. Mas é tranquilo. O administrador já deixa programadas várias reuniões lá. Aí é só ir jogando o link aqui no grupo e o pessoal clica e entra de novo.

**Participante T:** Eu fiz hoje ...

**Participante F:** Perfeito!

**Pesquisadora:** (respondendo a primeira pergunta): Oi “F” usaremos o login da minha orientadora, não haverá esse problema.

**Orientadora da Pesquisadora:** Hoje montarei o grupo e poderemos disponibilizar o link na descrição do grupo.

A interatividade de vários integrantes no grupo da rede social revela a participação nas decisões que são tomadas coletivamente, em que todos agem juntos na busca por soluções viáveis. Quando o participante “F” trouxe uma questão sobre a impossibilidade de realizar o encontro no aplicativo que havia sido indicado, contou com a colaboração e sugestão de outro membro do grupo a fim de buscar uma resolução para o problema colocado. Na continuidade do diálogo a pesquisadora explicou que seria utilizado o login de sua orientadora, que tem uma conta ilimitada para uso de tempo do encontro. Sendo assim, o link foi disponibilizado na descrição do grupo.

O encontro virtual dos cineclubistas aconteceu no dia 30 de março de 2020 a partir das 19h. Os participantes começaram a entrar na plataforma a partir desse horário e iniciaram conversa sobre as situações de isolamento, enquanto aguardavam os demais participantes ingressarem na chamada. Com 20’36 a pesquisadora Sandra iniciou comentando sobre a criação do cineclube com objetivo de contextualizar e acolher as pessoas que participavam pela primeira vez. Foi solicitado autorização para gravação de vídeo aos participantes. A pesquisadora passou a mediação para a professora Cláudia Mogadouro, que fez considerações técnicas sobre o filme e mediu o debate. Ao longo do encontro 17 (dezessete) pessoas participaram da videoconferência, sendo 6 (seis) nunca havia participado do cineclube presencial. O primeiro encontro virtual teve duração de gravação de 2h44m40s.



Figura 3. Captura da tela da gravação de vídeo do aplicativo Zoom – Cineclube virtual.

Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A videoconferência no aplicativo *Zoom* permitiu a interação da vídeo chamada, com a visualização de todos participantes no encontro na tela do computador. Para organização do debate foi combinado que todos os participantes teriam sua voz emudecida (com o recurso do microfone mudo) e quem quisesse falar usava o recurso “levantar a mão”, desta forma a mediadora saberia quem pediu a palavra, na ordem da inscrição. Na necessidade de um aparte ou complemento de cada colocação, foi possível e funcionou muito bem o uso do chat, pois a pessoa que estava com a palavra não perdia a fluência de sua comunicação.

O uso da tecnologia possibilitou diferentes modos de participação em relação àquela realizada presencialmente. A representação espacial na tela do computador pelos pequenos vídeos retangulares, que leva o espectador a diferentes lugares a medida que cada participante fala gerou uma nova experiência física e perspectivas corporais diferentes do encontro presencial. O encontro virtual exige maior atenção do participante, os gestos: mexer o corpo da cadeira, apoiar a cabeça na mão, esticar os braços com movimento de alongamento, podem ser entendidos pelo cansaço produzido pela atividade a frente da tela do computador.

A escolha pelo recurso videoconferência possibilitou a criação do cineclube virtual e permitiu que os participantes construíssem significado para o filme debatido, relacionando-se a ele e a outros participantes por meio das falas/relatos. Como vemos:

**Excerto 5:**

**Participante R:** É um filme muito importante, traz uma discussão, primeiro pessoal, igual ao caso do J (referindo-se ao relato anterior, realizado por outro participante), o meu pai foi tecelão a vida inteira, então esse contato com a tecelagem eu sempre tive e nisso o filme me chamou atenção.

Além das discussões sobre os aspectos técnicos do filme, foram levantados aspectos sociais e políticos, da mesma forma como acontecia nos encontros presenciais. Neste

primeiro encontro, especialmente, estar junto, mesmo que virtualmente, sensibilizou a todos:

**Excerto 6:**

**Participante R:** Estou em casa há 15 dias, sem sair e ver vocês, participar desse encontro deu uma oxigenada, eu precisava disso.

**Mediadora:** Ver a “carinha de vocês” aquece um pouco, esse momento tem sido muito difícil, espero que esse encontro aqueça um pouco.

**Participante T:** Eu queria muito compartilhar isso com vocês, porque motivado por essa experiência aqui desse grupo. Eu propus uma atividade com o pessoal lá da escola, foi votado, todo mundo topou, no domingo nós fizemos três horas de debate e combinamos que vamos fazer toda semana.

O interesse dos participantes pôde ser conferido na disposição do grupo em realizar o encontro seguinte no intervalo de quinze dias, visto que o encontro presencial ocorria mensalmente.

O segundo encontro *online* do cineclube de educadores ocorreu no dia 13 de abril de 2020. A curadoria do encontro ocorreu de maneira compartilhada, o filme **Campo Grande**, de Sandra Kogut (2016) foi indicado pela professora Cláudia Mogadouro e a convite do participante J, a cineasta Sandra Kogut, participou do encontro. Antes de iniciar o encontro os participantes comentam sobre a atividade *online* e como o distanciamento social tem alterado a vida de todos.

**Excerto 7:**

**Participante J:** Imagino que isso daqui alguns anos vai ser um documento de uma pequena, pequena não de uma gigante ocorrência na vida do homem. Antes e depois do coronavírus.

**Cineasta:** Eu fico pensando assim, a gente está aqui falando, essa tela do computador com esses quadradinhos, isso vai virar uma estética marcante dessa época. Tantas coisas acontecendo nesse tipo de programa, como o ZOOM, que estamos usando hoje (...) e quando a gente olhar as fotos dessa época elas vão ser todas assim.

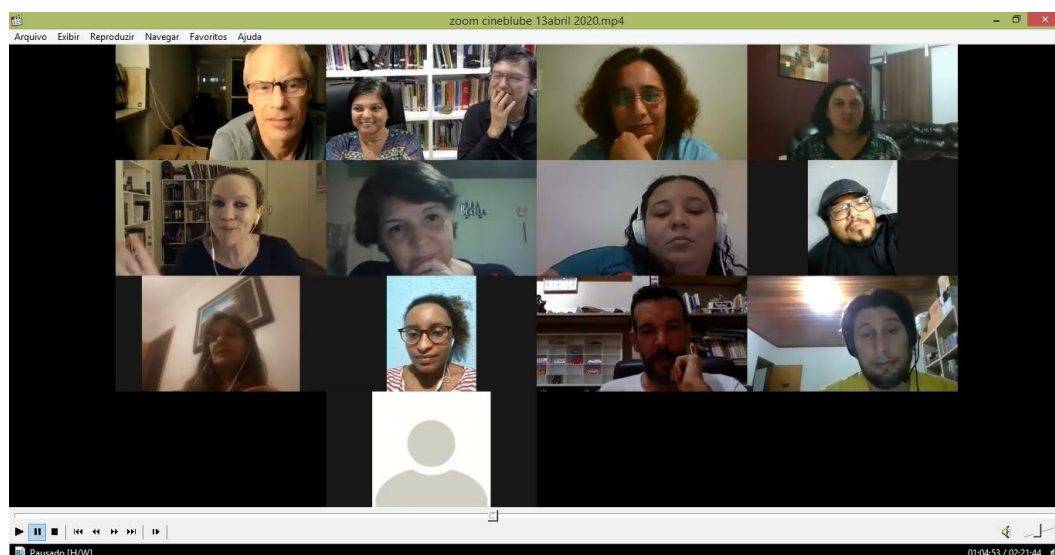


Figura 3. Captura da tela da gravação de vídeo do aplicativo Zoom – Cineclube virtual.

Fonte: Acervo dos pesquisadores.

A mediadora Cláudia Mogadouro fez uma proposta que surpreendeu a cineasta. Em vez da realizadora iniciar o debate contando qual a motivação para o filme, como ele fora feito, como é comum acontecer em debates em cinema, quando há a presença do (a) cineasta, os participantes iniciariam contando como foi sua experiência com o filme *Campo Grande*. Só depois a cineasta se pronunciaria. A ideia era valorizar a experiência subjetiva, sem a expectativa de “o que o diretor quis dizer com isso” e, sim, como cada pessoa sentiu o filme.

O resultado evidenciou o fenômeno da subjetividade da recepção apontado por Martí-Barbero e Rey (2001) de que a experiência audiovisual traduz-se numa negociação de sentidos entre o universo do receptor e o produto audiovisual.

A experiência reveste-se tanto da trajetória de cada receptor (experiência de vida, repertório) como do contexto onde ela ocorre. No caso, mesmo as pessoas que já tinham assistido ao filme antes, na revisão do filme enxergaram novas relações a partir do contexto da pandemia e do isolamento social. A cineasta Sandra Kogut demonstrou surpresa em tantas possibilidades de entendimento que seu filme provocara naquelas pessoas que compunham o grupo do cineclube. Por fim, ela falou sobre suas motivações ao filmar aquela história e forneceu dados curiosos sobre a escolha do elenco e da produção do filme.

O encontro virtual teve duração de 2h21m44s e reafirmou a possibilidade do encontro, da troca de ideias e o compartilhamento das experiências com a mediação da tecnologia da videoconferência.

### 3. Considerações finais.

Os dois encontros virtuais do Cineclube da Estação foram plenos de êxito, embora muitos reconheçam que é possível conquistar mais participantes para os futuros encontros. Segundo relatos de várias pessoas, a situação de isolamento tem deixado as pessoas

exaustas por conta de uma mudança de rotina muito brusca, com um stress emocional motivado pelas notícias muito alarmantes, no mundo e no Brasil. Alguns educadores estão trabalhando nas escolas para atender às famílias desassistidas economicamente, outros com seus filhos em casa, isolados de alguns familiares e com muitos novos afazeres domésticos.

Ainda assim, foi comentado como a atividade de assistência de um filme, combinado por todos, seguida de um encontro virtual com amigos, reflexão e debate tornou-se um alento para esse momento tão difícil.

Embora seja ainda uma novidade para muitos dos participantes, a ferramenta tecnológica escolhida possibilitou o debate horizontal, com possibilidade de todos expressarem suas ideias, com réplicas e tréplicas, de forma a concretizar a produção de um conhecimento a partir da experiência de um filme.

A análise dos dois filmes trouxe aspectos técnicos da realização audiovisual e aspectos subjetivos da recepção, complementados pelo vasto repertório teórico e biográfico de cada participante. Também foi analisada a filmografia de cada um dos dois cineastas, cujas obras foram objeto de debate, permitindo assim o enriquecimento de uma cultura cinematográfica, com ênfase para o cinema brasileiro.

Importante notar que o cineclube já existia presencialmente, o que permitiu transportar os afetos para a experiência virtual. Os encontros do cineclube possibilitaram tanto o momento formativo de educadores, como o encontro de pessoas virtualmente e o entretenimento nesse momento difícil do distanciamento social.

Consideramos esses resultados parciais, reafirmando que a experiência virtual do cineclube contribuiu para consolidar a prática cineclubista já iniciada. Essas são as primeiras impressões advindas de dois encontros virtuais. Muitas outras estão por vir.

#### 4. Referências teóricas.

COSTA, Flávia Cesarina. **Primeiro Cinema**, in: MASCARELLO, F. (org) *História do Cinema Mundial*, Papirus: Campinas, 2006. FULLAN, Micheal.; HEAGREAVES, Andy. **Por que é que vale a pena lutar? O trabalho de equipe na escola**. Porto Editora; 2001.

LIBERALI, Fernanda. **Formação crítica de educadores: Questões fundamentais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 3ª ed. 2015.

LIBERALI, Fernanda Coelho; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. **O Interacionismo Sociodiscursivo em pesquisas com formação de educadores**. Calidoscópio, vol. 02, nº 02, pág. 105-112, jul/dez. 2004.

LIBERALI, Fernanda Coelho; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. **Entrelaces Vygotskyanos**. Caderno de Resumos IV Fórum ISCAR Brasil, Londrina, p. 155-166, 2017.

LISBOA, Fátima S.Gomes. **O cineclubismo na América Latina: idéias sobre o projeto civilizador do movimento francês no Brasil e na Argentina (1940-1970)** in: *História e Cinema – Dimensões Históricas do Audiovisual*, CAPELATO (et al) (org) . São Paulo: Alameda , 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán. *Os Exercícios do Ver, Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*, São Paulo: Editora Senac, 2001.

MOGADOURO, Cláudia A. *Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)* - Tese de Doutorado, ECA-USP, São Paulo, 2011.

SMYTH, J. *Teachers work and teh politics of reflection*. In: América educational Reserach journal. V. 29, nº 02, 1992.